# FEMINISMOS E PODCASTS

Edição Bruna Schlindwein Zeni

Revisão ortográfica Mariana dos Santos

Capa e ilustrações Suzane Lopes

Layout e diagramação Laura Guidali Amaral

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

F.... Feminismos e podcasts / organizadora Aline Hack.

1.ed. -- 1.ed. - São Paulo : Blimunda, 2023.

16 x 23 cm.

Vários autores. Bibliografia.

ISBN: 978-65-84685-21-5

1. Ativismo. 2. Empoderamento. 3. Feminismo. 4. Interseccionalidade. 5. Meios de comunicação em Massa. 6. Mulheres – Aspectos sociais. 7. Podcasts (redes sociais online). I. Hack, Aline.

11-2022/76

CDD 305.42

#### Índice para catálogo sistemático:

Mulheres: Empoderamento: Podcasts: Aspectos sociais 305.42
 Bibliotecária: Aline Graziele Benitez CRB-1/3129

Editora Blimunda Rua Paim, cj. 55 – Bela Vista São Paulo/sp – CEP 01306010

www.editorablimunda.com.br contato@editorablimunda.com.br @editorablimunda

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. Lei 9.610/1998.

## ALINE HACK organizadora

## FEMINISMOS E PODCASTS



## **SUMÁRIO**

## 

## **PREFÁCIO**

"O podcast como um local para fazer ouvir sua voz"1

A transformação do silêncio em linguagem e ação é um ato de revelação individual. Audre Lorde, *Irmã outsider*, p.51.²

Em uma de suas colunas recentes para o jornal Folha de São Paulo, Antonio Prata disse que, dentre tantos resquícios indesejáveis da pandemia, está a mensagem de áudio. Segundo ele, com a pandemia, este tipo de mensagem, que antes funcionava como um "telégrafo", virou uma "praga". Quem manda um áudio é "folgado". A mensagem, em seus vais e vens, é "enfadonha" e, no final das contas, ocupa tempo demais, afinal, o autor insiste, "a gente lê mais rápido do que fala" ou ouve.

Na mesma semana, em uma disciplina sobre metodologia de pesquisa antropológica que estou oferecendo na Universidade de Brasília, a turma tinha como incumbência entrevistar sujeitos ao redor do *campus*. Entrevistaram muitos outros estudantes e foi bem recorrente o contraste entre ensino remoto, adotado durante o isolamento social, e o ensino presencial, ao qual a UnB retornou este semestre. Alguns entrevistados contaram que ainda estão se readaptando à sala de aula física. Há, entre estes, alguma frustração porque não podem, por exemplo, escolher o momento posterior mais conveniente para ver o vídeo gravado da aula, mas é preciso chegar pontualmente para assisti-la; não podem mais mutar a professora que está falando e é preciso escutá-la do início ao final da aula; não podem acelerar o áudio da aula gravada, mas permanecer no ritmo coletivo e percorrer em tempo real cada um de seus minutos.

Tive acesso àquela coluna e a estas entrevistas enquanto eu lia este importante livro, *Feminismos e Podcasts*. Fui convidada para prefaciar a obra e percorria seu conteúdo com interesse e aprendizado, mas ainda não tinha decidido o que dizer para laurear suas páginas iniciais. Lia o

<sup>1</sup> Esta é uma frase de Domenica Mendes, historiadora, consultora e editora de podcasts e produtora do Perdidos na Estante, Estúdio 31 e da Campanha #OPodcastÉDelas. Ela foi entrevistada pelas autoras deste livro, Cláudia Costa e Eliana Silva do *Elas Pesquisam* (Capítulo 8). Aproveito para agradecer a Aline Hack, pelo gentil convite para escrever este prefácio, Daniela Manica, pela leitura atenta do primeiro rascunho deste texto, e Michael Swioklo, que compartilhou comigo a referida coluna do jornal (Prata, 2022).

<sup>2</sup> Aproveitei como epígrafe a citação que Aldenora Cavalcante (Capítulo 7) fez de Audre Lorde, 2019 [1984].

livro com muita satisfação, enquanto esses depoimentos acima me causavam estranhamento. Deixei estas sensações tão díspares fermentarem dentro de mim.

Muita gente manda mensagem de áudio, outro tanto recebe, ouve, responde. Alguns, como Prata, não gostam de áudio, se recusam a ouvir e reciprocar. Quando muito, incrementam a velocidade e terminam logo para apagar o arquivo rapidamente. Normalizou-se a mensagem de áudio, mas também o fato de não gostar, não ouvir, não guardar. Portanto, pode parecer um pouco exagerado eu estranhar quem acelera, deleta ou aciona o botão *mute*. Mas eu venho de uma Antropologia que leva a sério tanto o que nossas interlocutoras dizem e fazem (mesmo quando discordamos delas), quanto o que nós mesmas, em constante alerta e curiosidade pelo mundo, sentimos, observamos, processamos. Levamos a sério os detalhes, os caquinhos de informação e acontecimentos que se passam ao nosso redor. Tudo pode ser significativo, tudo pode dar dicas para compreender o mundo. É isso, levei a sério e levei adiante o meu incômodo com a opinião do colunista de jornal e dos estudantes da UnB.

Foram os dez capítulos deste livro que me ajudaram a entender por que eu me senti tão incomodada com as críticas feitas à comunicação em áudio, seja mensagem de aplicativo, seja aula gravada ou mesmo podcast. As autoras aqui reunidas me lembraram que, por muito tempo, as mulheres não foram tidas como humanos, como seres com alma, como sujeitos individuais, com direitos políticos para votar ou serem eleitas. Desumanizadas, desalmadas, infantilizadas, tuteladas, a suposição geral era de que não tínhamos condições de falar por nós mesmas, de que outros deveriam comunicar os nossos desejos e opiniões. Ocupar púlpitos, palcos, tribunas e tribunais só aconteceu porque muitas meninas e mulheres correram o risco de ser punidas, perseguidas e estigmatizadas. E conquistaram o direito de poder dizer e ler em voz alta as próprias palavras. Então, o livro me ensina que não é algo simples fazer essa voz ser amplificada e disseminada, como é o caso atual do podcast. Emitir a própria voz e sustentar as suas consequências são dois atos que, historicamente, demandaram muito trabalho, muita peleia das tantas pioneiras que nos antecederam.

E, de repente, a nossa voz pode ser acelerada ou calada? Operar uma mudança no ritmo de uma mensagem de áudio ou de uma aula gravada significa revogar a forma com que se intencionou formular o raciocínio: gruda uma palavra na outra, extingue os respiros entre elas

e compromete o efeito final das ideias. Significa também deturpar o tom, o timbre, o sotaque daquela voz, comprometendo a identidade: a falante fica irreconhecível, anedótica, risível até. Inclusive, a voz acelerada tende a ficar mais fina, com um resultado que beira a infantilização ou a palhaçaria. Além disso, duplicar a velocidade do áudio muitas vezes dissipa a nuance que acompanha essa voz, como a ironia, o humor, o som de pássaros durante uma caminhada ou de gritos em meio a uma manifestação de rua. É deliberadamente diminuir o tempo de existência, ao reduzir o espaço que a pessoa planejou para ocupar os ouvidos e as reflexões. E, claro, mutar uma mensagem ou uma aula nem precisa de muitos comentários — é obliterar, é desaparecer com aquela pessoa da paisagem sonora.

Só depois de ler este livro, *Feminismos e Podcasts*, foi que consegui entender a minha indignação com a opinião do jornalista e com as práticas que estudantes adotaram durante o ensino remoto. Como as autoras deste livro explicam, um programa de podcast ajuda a criar e a comunicar a própria história. Muita gente repete que 2019 foi "o ano do podcast". Aqui no livro, a Voxnest afirmou que o Brasil é o segundo maior produtor dessa mídia. A Associação Brasileira de Podcast (ABPOd) anunciou que 70,3% dos produtores brasileiros iniciaram seus podcasts a partir de 2018. Outra pesquisa da ABPOd informou que, em dez anos (2009-2019), a presença de mulheres nos podcasts foi de 12 para 27%. Mas, em 2021, o IBOPE contou que as ouvintes são apenas 36%, e a PodPesquisa identificou, no mesmo ano, ainda menos: 24%. E só em 2019, a ABPOd (que existe desde 2005) teve sua primeira presidenta. A podosfera segue, portanto, sendo um ambiente predominantemente masculino.

O podcast, ao veicular a voz das mulheres e narrar a vida delas, pode conquistar mais espaço e tempo desse "patriarcado de mídia" (Rafaela Souza, Capítulo 4, neste livro). Outra autora que aqui conheci, Aldenora Cavalcante (Capítulo 7), inspirada por bell hooks, disse que colocar "a voz em ação é um ato de rebeldia e humanização das mulheres". hooks reforça que "esse ato de fala, de 'erguer a voz', não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta" (2019, pp. 38-39, grifo meu). E isso é particularmente importante no caso de indivíduos que por tanto tempo foram oprimidos, colonizados, explorados, invisibilizados como as mulheres, as comunidades negras e indígenas, as populações LGBTQIA+, juvenis,

camponesas, com deficiência ou em situação de rua, refúgio e cárcere, por exemplo.

Nesse contexto, as autoras do livro se referem ao podcast como uma ferramenta para a "fala", "expressão", "escuta", "conexão" feminista. Essa é uma mídia por onde também "os saberes feministas circulam e são transmitidos" (Thiago Coacci, Capítulo 9). Ao criar programas, ao pautar velhos programas com as nossas prioridades, a podosfera vai se firmando como um espaço de aprendizado, troca e ativismo digital de mulheres. E, portanto, o podcast tem a potência de construir uma "comunicação de confronto", ou mesmo uma "comunicação contra hegemônica" (Rafaela Souza, Capítulo 4).

Falar acompanha o pensamento, o sentimento. Não prima necessariamente pela economia do tempo, não segue a pressa do dia a dia e nem se obriga à linearidade da ideia, que Antonio Prata e meus estudantes parecem valorizar. A voz, seja na conversa, na mensagem de áudio ou no podcast, convida ao improviso, ao espontâneo e ao imaginativo porque está sendo criada ali, no calor da hora e em íntima cumplicidade com quem ouve. A voz transmite as emoções que vêm quando, finalmente, pensamos, lembramos e falamos de nós.³ E isso acontece em estreito diálogo com a outra, para a outra ouvinte. As podcasters feministas deste livro estão nos convidando a seguir o tempo do respirar com calma ou do bufar com raiva. Ouvir podcast é aceitar o convite de se deixar ser levada pela palavra, o som e a boa história.

E, para tanto, estas autoras reforçam: não nos apressarão, não nos calarão. Ocuparemos os lugares e os tempos que assim desejarmos. E seguiremos borbulhantemente faladeiras. A podosfera é nossa!

Brasília, agosto de 2022

### Soraya Fleischer

Professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Coordena, com a também acadêmica feminista Daniela Manica, o *Mundaréu*, 4 podcast de divulgação científica em Antropologia.

<sup>3</sup> Essas ideias — sobre o falar que transmite as histórias e as emoções — estão mais extensamente desenvolvidas no capítulo "Cozinhando histórias de pesquisa: o podcast Mundaréu", que Daniela Manica e eu escrevemos para o livro, ebook e audiobook Manica, Peres e Fleischer (2022).

<sup>4</sup> https://mundareu.labjor.unicamp.br/.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019 [1989].

LORDE, Audre. Irmã outsider. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019 [1984].

MANICA, Daniela Tonelli; PERES, Milena; FLEISCHER, Soraya (Orgs.). **No ar**: Antropologia, histórias em podcast. Campinas e Brasília: Pontes Editorial e ABA Publicações, 2022. Disponível em: https://mundareu.labjor.unicamp.br/no-ar-antropologia-historias-em-podcast/. Acesso em: 28 ago. 2022.

PRATA, Antonio. Há males que vêm para o mal. **Folha de São Paulo**, 06/08/2022.